

entrevista

Mônica Campos Pitanga

Idealizadora do projeto de acessibilidade Mova-se

“Não podia ficar só no papel de vítima”

Mãe de adolescente com deficiência física criou projeto que está conseguindo a adesão de comerciantes de Cachoeiro de Itapemirim a tornar os estabelecimentos acessíveis, além de promover atividades inclusivas e debate em escolas

BRUNA HEMERLY

blaeber@redgazeta.com.br

Foi o desejo de despertar a inclusão na sociedade que Mônica Campos Pitanga, 40, mãe de uma adolescente com deficiência física, começou um projeto inovador em Cachoeiro de Itapemirim, no Sul do Estado. Criado em 2018, o Mova-se levanta a bandeira da acessibilidade ao realizar palestras em escolas e promover diversas ações sociais para incluir pessoas com dificuldades motoras em atividades como dança, esporte, lazer e cultura. O resultado do trabalho de conscientização nas ruas já está dando resultado em Cachoeiro. Segundo Mônica, comércios, lojas e restaurantes já estão fazendo adaptações físicas, com reforma de banheiros e implantação de rampas nos estabelecimentos.

No ano passado, uma das iniciativas culturais promovidas pela organização sem fins lucrativos chamou muito a atenção na cidade, quando Mônica se apresentou em um espetáculo de dança inclusiva com Luísa, de 16 anos, que é cadeirante. Mãe e filha subiram ao palco pela primeira vez, e o vídeo da apresentação emocionou plateia e internautas, que compartilharam milhares de vezes nas redes sociais. Mônica, inclusive, resolveu aprender balé aos 36 anos apenas para que um dia pudesse dançar com a filha, o que ocorreu no ano passado.

Na entrevista, a empresária detalha as dificuldades da filha de frequentar lugares como escola, restaurantes, clubes e casas

de festas, e como isso influenciou na criação do Mova-se.

Como surgiu a ideia do projeto?
A ideia surgiu quando voltei de uma viagem dos Estados Unidos. Em outubro de 2018, minha filha Luísa fez 15 anos e fomos com ela à Nova Iorque. Alugamos uma scooter (cadeira elétrica) e andamos muito, durante 15 dias, pela cidade toda. Fomos a todos os lugares que quisemos ir, como parques, lojas, restaurantes, teatro, shows, passeio de barco... Todos os lugares eram acessíveis. E ninguém olhou para ela com preconceito, o que é comum no Brasil. No último dia da viagem, Luísa me falou que queria morar lá.

Isso foi o que mais me encorajou a criar o projeto. Lá, as coisas funcionam e a pessoa com deficiência tem uma vida independente e pode ir aonde quer, mesmo com limitação. A pessoa com deficiência lá pode precisar de um tempo diferente para fazer as coisas, mas ela vai conseguir fazer, como ir ao banco, ao supermercado, estudar... Por isso, quando voltei para o Brasil, pensei que tinha que fazer alguma coisa e não ficar só no papel de vítima. A partir dessa ideia, eu fiz um grupo em aplicativo de mensagens e fui adicionando pessoas que conhecia e sabia que tinham alguma deficiência. Depois fui abordando as pessoas nas ruas e nas redes sociais perguntando se queriam fazer

parte de um projeto para unir forças e lutar por direitos.

Sua filha influenciou na sua ideia de desenvolver o Mova-se?
Sim, ver o sofrimento dela foi ponto fundamental para a criação do projeto.

Qual foi a fase mais difícil que sua filha enfrentou pela falta de acessibilidade?

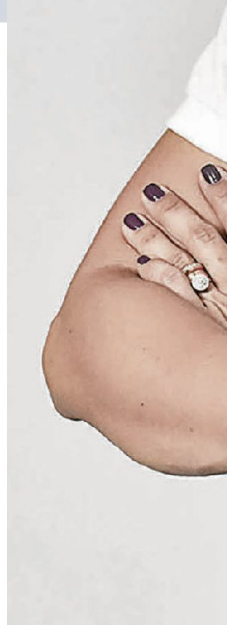
Quando tinha 11 anos ela precisou mudar de escola. A sala em que estudava ficava no terceiro andar e a cantina no primeiro então, por muitas vezes, ela lanchou sozinha por

depende de uma pessoa para chegar até a cantina, já que a rampa era inclinada e passava por fora da escola. E, às vezes, quando ela chegava, as amigas já estavam subindo. Ela foi se sentindo excluída dos momentos de lazer. De

pois também teve a fase em que ela tentou fazer um curso para a prova do Ifes e os dois cursinhos da cidade tinham escadas enormes e o andar dela não entrava no banheiro. Mas 2018 foi o ano mais difícil. Luísa fez 15 anos e quis sair sozinha, sem a mãe, como toda adolescente. E as dificuldades aumentaram muito. Quando ela era criança, eu pegava no colo e levava para todos os lugares, mas quando ela começou a querer sair sozinha eu vi que alguns lugares eram impossíveis.

E quem tem adolescente em casa sabe que eles querem liberdade, querem sair, querem ir ao cinema e aproveitar. A falta de acessibilidade

Mônica Pitanga levanta a bandeira da acessibilidade em Cachoeiro de Itapemirim



em restaurantes, casas de festas, lanchonetes e sorveterias dificulta muito. Ela foi convidada para muitas festas de 15 anos e as casas de festas nem sempre tinham acessibilidade, então, ela acabava ficando muito restrita e dependendo sempre de uma pessoa para sair e se divertir. Também é comum eu sair com Luísa e precisar usar a vaga reservada para pessoas com deficiência, mas encontrar ocupada por um carro sem o adesivo e o cartão que lhe dá o direito. Outra dificuldade muito grande são as calçadas, que são péssimas em Cachoeiro e no Brasil em geral. Os carros estacionam nas poucas rampas de acesso às calçadas.

O que já foi desenvolvido?

Foram muitas ações. O Mova-se nas escolas, que é o trabalho de